

Ensaio de pacto social

Sucessão

por Getúlio Bittencourt
de São Paulo

Começa a tomar fôlego a idéia de um pacto social no Brasil. Desta vez ela emergiu de um susto e seu esboço tem muito de político e pouco de utópico. O susto foi do secretário de Governo de São Paulo, Roberto Gusmão, um dos principais articuladores da candidatura presidencial de Tancredo Neves, em cuja mesa sempre despida desabou a informação de que o PT está preparando uma ofensiva de greves para novembro e outra para março.

A montagem do pacto social, no caso, é uma pragmática negociação com o

PT e suas lideranças sindicais para minimizar as greves de novembro, previstas principalmente no setor metalúrgico; mas é sobretudo um ensaio para garantir ao presidente Tancredo Neves, se ele vencer no Colégio Eleitoral, uma posse tranqüila a 15 de março de 1985.

Na mesa do secretário Gusmão chegou outra informação perturbadora: a montagem de uma enorme greve de trabalhadores rurais no final de outubro. Para piorar o quadro, os usineiros paulistas estariam armando-se. O secretário paulista do Trabalho, Almir Pazzianotto, disse ontem a M. A. Coelho Filho, deste jornal, que ignora a informação sobre o armamento dos usineiros, mas acrescentou que "assim não se resolve a questão social."

Pazzianotto reconhece que a situação é difícil, porque cerca de 300 mil trabalhadores rurais ficam desempregados entre a colheita, no final de outubro, e o novo plantio, no início de maio. Os usineiros foram convocados há cerca de duas semanas para uma conversa com o próprio governador Franco Montoro, no Palácio dos Bandeirantes. Não se chegou a nenhum acordo, mas o governo paulista examina várias sugestões.

As propostas dos usineiros serão conferidas pelo secretário Pazzianotto numa excursão pelo interior do estado, prevista para os próximos dias. O secretário também está encarregado de articular os contatos preliminares para o pacto social com as lideranças sindicais urbanas.

Falta um desenho esquemático para esse pacto, que tem um objetivo, a posse tranqüila de um presidente vindo da oposição, e algumas poucas afirmações de Tancredo Neves. O candidato da Aliança Democrática prometeu ao líder metalúrgico Joaquim dos Santos Andrade assegurar a liberdade sindical em seu possível governo. Acenou repetidas vezes com reajustes salariais pelo menos equivalentes à inflação e disse ser improvável a legalização de uma central sindical única.

É certo que o Palácio dos Bandeirantes tem dedicado seus melhores esforços para desmontar a ofensiva de greves detectadas. Setores da esquerda comprometidos com a candidatura Tancredo Neves — inclusive os comunistas — foram acionados para ajudar a desmontar a ofensiva, no princípio desta semana, e se comprometeram a fazê-lo.

Uma parte das informações do secretário Gusmão foi confirmada ontem, quando eclodiram as primeiras greves rurais. Cer-

ca de 5 mil bóias-frias cruzaram os braços nas lavouras de cana em torno de Fernandópolis. A segunda parte é mais complexa. O editor José Casado apurou na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo que os metalúrgicos do ABC, ligados ao PT, prepararam a greve de novembro para obter 110% de reajuste salarial agora e reajuste trimestral a partir de 1985.

O secretário geral do PT, Francisco Weffort, disse ontem à noite a este jornal que seu partido "não está organizando greve para novembro. Quem acompanha o movimento operário sabe que dificilmente se organiza uma greve. Elas costumam vir de baixo para cima".

O sociólogo Weffort nada sabe sobre o pacto social que está sendo engendrado no Palácio dos Bandeirantes. "Conversar é sempre possível", disse ele, "mas o PT ainda está dividido sobre a sucessão presidencial e o momento é inoportuno, a meu ver, para esse debate."